

EM PRIMEIRA PÁGINA: JORNAL O FLUMINENSE E PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA ECONÔMICO-INDUSTRIAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

ON THE FIRST PAGE: THE FLUMINENSE NEWSPAPER AND PERSPECTIVES FOR THE ECONOMIC-INDUSTRIAL HISTORY OF THE STATE OF RIO DE JANEIRO

José Luís Honorato Lessa^A

 <https://orcid.org/0000-0001-7589-7316>

Correspondência: honorato.lessa@gmail.com

^A Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História - UFF sob supervisão do Professor Doutor Cezar Teixeira Honorato. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira. Professor do Curso de História desta mesma instituição - modalidade EAD. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

DOI: 10.12957/cdf.2022.71400

Recebido em: 10 jan. 2022 | **Aceito em:** 30 jun. 2022.

RESUMO

Este artigo pauta em mapear o jornal *O Fluminense* como uma fonte de pesquisa para os eventos econômico-industriais no estado do Rio de Janeiro, especialmente nos períodos em que Ernani do Amaral Peixoto conduziu o executivo estadual: 1937/1945; 1951/1955. Na ocasião, o governo fluminense despontou como principal indutor do desenvolvimento local, aliado a participação do setor privado. Aqui, o econômico se destaca por um conjunto diversificado de investimento como: indústria, agricultura, pecuária, cooperativa, rodovia, energia, turismo, urbanização, saneamento, obras públicas e educação. O periódico possibilita acompanhar tanto as medidas estruturantes do período quanto a condução de um processo, ou seja, as ações público-privadas com vistas ao desenvolvimento do estado, contexto em que *O Fluminense* cumpriu o papel de difusor.

Palavras-chave: *O Fluminense*; desenvolvimento econômico; estado do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This article aims to map the newspaper *O Fluminense* as a research source for the economic-industrial events in the state of Rio de Janeiro, especially in the periods when Ernani do Amaral Peixoto led the state executive: 1937/1945; 1951/1955. In the occasion, the state government emerged as the main inducer of local development, allied to the participation of the private sector. Here, the economic sector stood out for a diversified set of investments such as: industry, agriculture, cattle-raising, cooperatives, highways, energy, tourism, urbanization, sanitation, public works, and education. The periodical makes it possible to follow both the structuring measures of the period as



well as the conduction of a process, that is, the public-private actions aimed at the development of the state, a context in which *O Fluminense* played the role of diffuser.

Keywords: *O Fluminense*; economic development; state of Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Para o recorte temporal adotado, o estado do Rio de Janeiro possuía dimensão geográfica diferente da atual, com capital em Niterói, seu território não compreendia a cidade do Rio— espaço carioca — então Distrito Federal e estado da Guanabara entre 1960 a 1975. Neste último ano, a fusão entre as duas unidades federativas deu formas ao estado único. Na literatura, quando se refere ao pré-1975, é comum o uso da expressão—antigo estado do Rio de Janeiro.

O objetivo deste trabalho visa colimar as páginas de *O Fluminense* nos intervalos já assinalados (1937-1945; 1951-1955), de modo a indiciar diversas questões para o campo da história econômica do estado do Rio de Janeiro (ERJ) e possibilitar ponto de partida para futuras pesquisas que eventualmente façam uso deste jornal como uma das fontes. Ao final, espera-se que os interessados pelos estudos fluminenses, possam, de algum modo, utilizar-se do mapeamento¹.

A empreitada não interpreta a história econômica do ERJ a partir do aludido jornal, restringe apenas em oferecer pistas. Assim, *O Fluminense* é tomado como fonte e não objeto. Passa ao largo construir a história deste. Logo, a metodologia adotada consiste em tomar o periódico enquanto um recurso documental para as pesquisas no campo da história econômica fluminense. Vale ponderar que as distinções essenciais entre história da imprensa e história através da imprensa podem ser sentidas em Zicman (1985), por exemplo.

O trato com o jornal exige brevíssimos apontamentos. Do ponto de vista teórico-metodológico, *O Fluminense* é analisado enquanto partido, à luz do pensador italiano Antônio Gramsci, pois, vemos que o referido jornal representa e organiza interesses das classes produtoras do ERJ na medida que veicula valores das atividades econômicas

¹ O presente trabalho desdobra-se da tese de doutorado defendida pelo autor: LESSA, José Luís Honorato. **O Comandante em marcha:** Amaral Peixoto e a indústria fluminense.2021.378f. Tese. (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.

enquanto porta voz de uma parcela da sociedade civil no estado em questão. Neste mesmo movimento exerceu mediação junto as esferas públicas, que podem ser tomadas como sociedade política. Logo, associado ao mundo da produção estadual, *O Fluminense* se despontou como um fórum privilegiado do setor.

Na premissa gramsciana, a ideia de partido compreende toda instância de atuação orgânica de uma parcela de classe e que não necessariamente constitui composição político-partidária. Trata-se de considerar que a concepção de partido vai além daquela instituição que disputa o poder através das eleições. Pela atuação orgânica, jornais, revistas, partidos, sindicatos, entidades associativas, clubes e igrejas, por exemplo, podem ser considerados partidos de uma dada fração de classe que difundem suas visões de mundo no seio da sociedade: civil e política (GRAMSCI, 2000).

Sociedade civil e sociedade política igualmente são categorias da matriz gramsciana. Pela primeira compreendem-se as instâncias particulares, de interesse privado, em que as parcelas da sociedade se organizam *voluntariamente* com vistas à formação de consciência, à pressão política coletiva e a conquistar posições na sociedade política. Por sua vez esta condiz com o grupo ou parcela que, por circunstâncias, exerce o poder institucional através das vias democráticas ou autoritárias, ou seja, é o Estado em seu sentido restrito. A relação entre ambas é contínua, em outros termos — sociedade civil e sociedade política não são corpos estranhos, cuja condensação é chamada de Estado ampliado em Gramsci (GRAMSCI, 1991).

A partir destas concepções tomamos *O Fluminense* como um partido em múltipla atuação: política, econômica (campo da produção), ideológica e cultural — sob certa função de contribuir na formação da opinião pública — o jornal se esforçava na construção de dada hegemonia, adesão voluntária (COUTINHO, 2007, p.36) e de um padrão de leitura favorável ao governo e às classes ou forças produtivas e conservadoras do estado, assim era comum se referir. Desse modo:

Dada as relações entre o político, o econômico e o cultural, a hegemonia de uma classe fundamenta-se não só no terreno das relações de produção, mas reside, também, no plano político e cultural. Neste sentido, os meios de comunicação atuam na conformação e cristalização de um imaginário político, econômico, cultural e social. (BRAVO; OLIVEIRA, 2019, p. 1).

O trato com a fonte jornalística requer cuidado, reflexões e peculiaridades comparados com materiais de outras naturezas (PINSKY, 2006). O jornal como tenaz veículo de opinião, consubstancia visões condizentes aos seus idealizadores e à parcela da sociedade a qual se dirige com claros posicionamentos político-ideológicos. Portanto, os veículos de imprensa — enquanto difusores de opinião pública — são portadores de subjetividades que interferem na dinâmica de uma dada parcela da sociedade. Assim, todo órgão de imprensa sublinha interesses de determinada fração ou frações de classe.

Pelo periodismo, as observações do jornal são termômetros de um dado cotidiano, condição que para efeito de análise permite ao pesquisador acompanhar a cronologia dos fatos, porém, o alerta:

Por outro lado devemos lembrar que na imprensa a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros mas antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são dada ao azar mas ao contrário denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação todo o jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio “filtro” (ZICMAN, 1985, p.90).

Neste sentido, outros autores nos guiam:

De qualquer modo, independente do jornal, o pesquisador que utiliza esse periódico como fonte não deve perder de vista que o mesmo nunca deve ser tomado com efeito de verdade, mas sim como representação de grupos sociais sobre si mesmos e a realidade que os cercam (SILVA; FRANCO, 2010, p, 10).

Neste caso, não raro, encontramos na mídia impressa enaltecimentos ou críticas aos agentes políticos, conforme o caso. Porém, ressalvadas estas *armadilhas*, cumpre ponderar que a professora Eulália Lobo, pioneira no Brasil quanto a pesquisa no campo da *História Urbana Industrial*, ao analisar a *História Empresarial* expõe que os jornais auxiliam para uma perspectiva ampliada dos processos empresariais públicos e privados, que podem revelar novas e múltiplas faces dos eventos pesquisados (LOBO. *In*: CARDOSO; VAINFAS, 2011, p. 210). Ora, as possibilidades de uma história econômica são amplas, se articula ao político e ao social, por exemplo. São processos indissociáveis (FRAGOSO; FLORENTINO. *In*: CARDOSO; VAINFAS, 2011, p. 25-40).

2. O FLUMINENSE COMO UMA FONTE DE PESQUISA

*Veterano órgão da imprensa do Estado do Rio*², *O Fluminense*, histórico noticioso, sediado na antiga capital — Niterói —, é, em termos de jornal regional, o que apresenta maior circulação pelo estado. Um dos mais antigos do país e importantes do ERJ, circula desde 8 de maio 1878, de forma que se notabiliza como um tradicional e histórico observador da vida fluminense em seus variados aspectos — “(...), *O Fluminense* varou o centenário. É glória niteroiense e do Estado — e do país, onde se alinha junto aos mais antigos órgãos ainda em circulação” (IPANEMA; IPANEMA, 1988, p.7).

Nascido nos estertores do império, seu par fundador era ligado ao agonizante Partido Conservador e à Guarda Nacional na patente de major: Francisco Rodrigues de Miranda —sendo este natural de Cabo Frio (1830-1919) e Prudêncio Luís Ferreira Travassos —natural da cidade do Rio de Janeiro (1850-1911). Seus idealizadores pressupunham como função do jornal a defesa da instrução pública, da lavoura e do comércio fluminense. Ainda em seu início o comando exclusivo do jornal foi entregue às mãos do primeiro. Com a passagem deste, em 1919, o controle da empresa jornalística ficou a cargo de Luiz Henrique Xavier de Azeredo (niteroiense, 1866-1949), genro do antigo proprietário que dirigiu o jornal até 1944, afastado por problemas médicos, retornou ao posto quatro anos depois. No período em que este esteve ausente, a direção do jornal ficou sob a batuta do seu filho Aurelindo de Miranda Azeredo e cujo neto, José Luís de Azeredo da Silva, encarregou-se por ser o redator-chefe daquele veículo de imprensa.

Com algumas exceções, por quase todos os períodos Amaral Peixoto³ *O Fluminense* atuou de forma excessivamente harmoniosa e otimista ao seu grupo político, era mesmo uma tribuna do governo, porém, entre os intervalos Amaral Peixoto, o mais destacado administrador estadual foi Edmundo de Macedo Soares e Silva (1947-1951), *O Fluminense* inclinou-se ao governo da ocasião desfechando críticas ao anterior: comportou-se como espécie de pêndulo. Com o retorno de Amaral Peixoto ao executivo estadual em janeiro de 1951, *O Fluminense* volta a prestar apoio,

²*O Fluminense*, 16 nov. 1937, ed. 16773.

³ Interventor Federal (1937-1945) e Governador eleito (1951-1955). Chamado de Comandante em face da sua formação militar na Marinha do Brasil.

contudo, rompeu com o alinhamento no último ano daquela administração em 1954, quando o jornal passou ao controle de Alberto Francisco Torres. Para os autores Ipanema e Ipanema (1988, p. 7-8) — “O Fluminense, do comando seguro do erudito e fidalgo Alberto Torres, niteroiense como o seu jornal, fluminense como o seu jornal que é o único na terra que absorve o gentílico. Sua marca é marca do Estado”. Oriundo de lendária família fluminense, na época, Alberto Torres era deputado estadual pela União Democrática Nacional sendo um dos destacados líderes do partido e ferrenho opositor à figura do Amaral Peixoto, por sua vez, arregimentado no Partido Social Democrático e nome de proa desta principal agremiação partidária no ERJ na ocasião. Até bem poucos anos, os descendentes da família Torres eram detentores deste veículo de comunicação⁴.

Seus exemplares estão disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Suas páginas externavam interesses das frações dominantes da classe burguesa e da própria administração pública: aos representantes da agricultura, indústria e comércio fluminenses — fazia uso da categoria — “forças ou classes conservadoras”; na outra ponta, havia alto grau de concordância com as autoridades municipais, estaduais e federais — com louvação destas. Com efeito, podemos antecipar que este jornal se apresentava como baluarte dos interesses econômicos e, por tabela, políticos. As tintas em *O Fluminense* estampavam a questão econômica estadual em seus variados desdobramentos.

Ao olharmos as páginas de *O Fluminense*, por dentro, percebemos as seguintes características: (a) manchetes longas, invariavelmente subdivididas e matérias não assinadas; (b) não havia publicação nas segundas-feiras (como até hoje) o mesmo ocorria nas datas que procedessem a feriados, devido a suspensão das atividades nas oficinas gráficas, mesmo sendo próprias, nelas também eram impressas vários outros pequenos jornais que circulavam em Niterói; (c) até um período as edições possuíam quatro páginas, depois, passou a circular com seis e em datas comemorativas, como pelo aniversário do jornal, do governo e de algumas cidades fluminenses, podia conter um número maior de folhas; (d) Na primeira página contém notícias do estado, do país e do mundo — podendo a matéria ser concluída na segunda ou última página, — na

⁴Para boa parte desta apreciação sobre O Fluminense e para a trajetória deste veículo ao longo de história e seus diferentes posicionamentos frente aos governos federal e estadual, veja: ABREU, Alzira Alves de; PAULA, Christiane Jalles de. (Coord.). **Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC/FAPERJ, 2014. pp. 473 a 475; 1308.

segunda página traz efemeridades de clubes, associações, entidades de classe, eventos esportivos, nota de falecimento e previsão do tempo; (e) parte da segunda, até a última página destinava-se às notas sociais, cinema e ao que seria hoje seção de classificados — não apresenta esta nomenclatura e nem os anúncios são organizado por temas ou setor — estes, podiam ser de profissionais liberais, prestadores de serviços, comércio local e até de empresas e bancos fluminenses; e (f) contém ainda seções esporádicas denominadas de *Notícias dos Municípios* com ações ou diretrizes dos governos municipais além dos principais eventos ocorridos nas cidades.

Especialmente no período 1937-45, interessante enfatizar que o jornal publicava seções esporádicas assim identificadas: *Estado do Rio de Janeiro*; *Atos do Interventor Federal*; *Decretos do Interventor* e, *No Palácio do Ingá*⁵. Em regra, o conteúdo presente nestas colunas era a ação do interventor na nomeação, exoneração ou remoção de servidores; a instituição de secretarias, órgãos, departamentos e comissões; reprodução de atos e decretos do interventor e secretariado, bem como a nomeação ou destituição de prefeitos dos seus cargos⁶. A seção *No Palácio do Ingá* trazia os nomes das pessoas atendidas pelo Comandante ou pelos secretários de governo. Concernente ao intervalo 1951-55, *O Fluminense* confere destaque as notícias do governo e uma coluna destinada a tratar de assuntos discutidos na Assembleia Legislativa e de temas gerais na coluna *Panorama Fluminense*. Também com isso, aquelas páginas auxiliam no entendimento das formas e condução da administração pública. Neste caso, é o próprio jornal que proclama: “*Órgão legítimo da opinião, na defesa dos interesses do Estado, do município e da coletividade em geral.*”⁷

3. O MUNDO DA PRODUÇÃO FLUMINENSE NO JORNAL *O FLUMINENSE*

O referido periódico permite focalizar as ações público-privadas com vistas ao desenvolvimento do estado em tela. Na impossibilidade de listar e percorrer todos os exemplos, os esforços se concentram no mapeamento dos principais casos. Importante observador e termômetro daquele cotidiano, a partir de *O Fluminense* é possível encetar pesquisas em variados campos: indústria, agricultura, comércio, educação, população,

⁵Sede do executivo fluminense, situado no bairro de mesmo nome, em Niterói.

⁶Estas seções não tinham página determinada. Podiam aparecer tanto na primeira quanto na segunda.

⁷*O Fluminense*, 7 out. 1953. Ed.21791.

urbanização, conjuntura político-administrativa, agenciamento, rede de relações, homens de negócios e tantos outros. Sem a pretensão de exaurir o leitor, após análise de todas as edições disponíveis na hemeroteca, nos períodos já identificados, é possível acompanhar uma gama de temas da vida fluminense⁸.

Relação do governo com os diversos setores produtivos e seus respectivos agentes; política de incentivo industrial; concessão de benefícios fiscais; fomento ao setor rural como através do Fundo de Crédito Rural; mecanização da agricultura fluminense; panorama da situação fiscal e financeira do estado; orçamento estadual e de alguns municípios; arrecadação tributária; obtenção de empréstimos; relacionamento com banqueiros; aparelhamento político, econômico, técnico, administrativo do ERJ como na reorganização das secretarias, criação de agências, comissões e departamentos; reorganização do serviço público; organização do ensino; criação de escolas profissionais como a Escola Industrial Henrique Lage; surgimento de cursos superiores como as Escolas Fluminenses de Medicina Veterinária e de Engenharia; os planos estaduais: rodoviarismo, eletrificação, urbanização, canalização do serviço de água e de obras públicas; conexões como o capital externo; relação com agrônomos, arquitetos, engenheiros, empreiteiros e construtores; advento de associações comerciais, agrícolas e industriais e de entidades representativas como a Federação do Comércio Varejista do Estado do Rio de Janeiro, Federação das Associações Rurais do Estado do Rio de Janeiro, Federação Fluminense das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris e Federação das Indústrias do Estado do Rio; advento da Associação Fluminense de Engenheiros e Arquitetos; formação de cooperativas agrícolas e de laticínios; rede portuária fluminense; serviços de transporte marítimo no estado – como no caso da Frota Carioca, Frota Barreto S.A; Frota Popular e Companhia Cantareira de Viação Fluminense —que mais tarde foram incorporados pelo governo fluminense formando o Serviço de Transportes da Baía da Guanabara, depois, Companhia de Navegação do Estado do Rio de Janeiro; Companhia de Navegação Sul Fluminense; advento dos serviços de transportes rodoviários de cargas e de passageiros, em especial, o processo de crescimento das empresas de auto-ônibus; as produções em destaque no ERJ: cimento, sal, sucroalcooleira, têxtil, alimentos, bebidas, fósforo, siderurgia, vidro, papel, conserva/pescado, sabão, indústria química e de transformação de minerais não

⁸ Aqui apresentadas em sequência aleatória e sem escala de importância.

metálicos, café; o problema da industrialização e da comercialização do leite; a questão da produção e do abastecimento — movimento que ficou conhecido como “*A Batalha da Produção Fluminense*” no contexto da Segunda Guerra; exposições agropecuárias e agroindustriais; semanas dedicadas à agricultura fluminense; as escolas rural e praiana/ensino pesqueiro; expansão imobiliária; serviço de assistência social; restaurante operário; mercados ou centrais de abastecimento, como o da capital do estado — Mercado Regional de Santa Rosa/Mercado Regional São Luiz; remodelação de algumas cidades como Niterói, Campos, Barra Mansa, São Gonçalo, Resende, Araruama, Petrópolis e Cabo Frio — estas três últimas destinadas ao turismo; exposição de urbanismo do ERJ, realizada em 1942 no Museu Nacional de Belas Artes; Alfândega de Niterói; e, Serviços de ônibus elétricos em Niterói, São Gonçalo e Campos dos Goitacazes. Além disso, *O Fluminense* acompanhou vários projetos malogrados: refinaria de petróleo em Niterói, que rendeu grande expectativa e polêmica na época; industrialização da mandioca através da construção de destilarias; advento do Museu Comercial e Industrial do Estado e a ligação Rio-Niterói via túnel (embora essa fosse uma ideia de longa data, desde o século XIX).

Somado ao panorama acima, a partir do jornal em destaque é possível iniciar o acompanhamento de outras questões, dentre as quais, o movimento bancário no estado e especialmente na capital Niterói com seus bancos nativos⁹: Banco de Crédito do Estado do Rio de Janeiro S.A (público); Banco Predial do Estado do Rio de Janeiro S.A; Banco Mercantil de Niterói S.A; Banco Comercial de Niterói Cooperativa Ltda; Banco Costa Monteiro Companhia S.A; Banco Hipotecário do Barreto e Banco de Niterói. Havia outros importantes bancos fluminenses com matrizes não sediadas na capital: Banco dos Lavradores de Cana de Açúcar do Estado do Rio de Janeiro (Campos); Banco Fluminense da Produção S.A (Petrópolis); Banco Comercial e Agrícola do Norte Fluminense (Miracema) e Banco Agrícola de Cantagalo S.A.

Também em *O Fluminense*, bancos e empresas publicavam relatórios, atas de assembleias gerais e extraordinárias, balancetes, dividendos, onde, por exemplo, é possível acompanhar quadro de acionistas, composição da diretoria, dentre outros. Eis os casos mais recorrentes¹⁰: Banco de Crédito do Estado do Rio de Janeiro S.A; Banco Predial do Estado do Rio de Janeiro S.A; Banco Mercantil de Niterói S. A; Banco Costa

⁹ Apresentação igualmente aleatória e sem escala de importância.

¹⁰ O mesmo em relação a nota anterior.

Monteiro Companhia S.A; Companhia Nacional de Cimento Portland, Companhia Nacional de Sal; Salina Santa Laurinda; Companhia Nacional de Usinas Metalúrgicas; Companhia de Usinas Nacionais; Companhia Açucareira Fluminense; Fluminense Industrial Agrícola S.A; Companhia Metalúrgica Barbará; Usinas Refinadoras de Açúcar São Pedro S.A; Usina Carapebus S.A; Companhia Indústria do Sal; Companhia Emancipadora Fluminense S.A; Indústria e Comércio São Pedro S.A; Metalúrgica Fluminense S.A; Companhia Matadouro Modelo; Empresa Agrícola e Industrial Fluminense S.A; Companhia Eletro Vidro; Companhia de Vidro Santa Branca S.A; Fábrica de Vidros São Domingos S.A; Fiação e Tecelagem Arthur Bastos S.A; Companhia Industrial de Papeis Santa Rita; Fábrica de Sabão e Comércio de Estiva em Grosso – Importadores, Exportadores e Industriais Grillo, Paz & Cia; Bebidas Merino S.A; Companhia Hidrelétrica Santa Branca S.A; Companhia Força e Luz Imbariê; Tecelagem Johann S.A; Indústria de Tecidos Brasil S.A; e, Companhia Cantareira Viação Fluminense. Quanto as empresas arroladas, muitas possuíam matriz e sede social na então capital do estado. Outras, com sede no então Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro.

O Fluminense, igualmente permite acompanhar a constituição das empresas nacionais sediadas no ERJ naquele período e o grau de influência do governo estadual, aliás, cuja figura Amaral Peixoto tinha espécie de trânsito livre nas esferas federais. Falamos da: Companhia Siderúrgica Nacional, da Fábrica Nacional de Motores e da Companhia Nacional de Álcalis. Neste mesmo período, também é possível ver a relação entre o ERJ e algumas empresas prestadoras de serviço, quais sejam: Companhia Brasileira de Energia Elétrica; Dahne Conceição & Cia e Companhia Brasileira de Águas e Esgotos.

Frisa-se que *O Fluminense* traz à baila importantes e influentes agentes empresariais com investimentos no ERJ, dentro os quais¹¹: Guilherme Guinle; Henrique Lage; Manoel João Gonçalves; Antônio Augusto da Paz; Fumiô Yamagata; Severino Pereira da Silva; Baldomero Barbará Filho; Lúcio Tomé Feteira; Gileno de Carli; Vivaldi Leite Ribeiro; João Dale; Renato Wood; Francis Hime; Karris Thomas; Shieber Beaker; Américo Rocha de Miranda; Eduardo Duvivier; Cesar Pires de Melo; Francelino Bastos França; Paulo Fernandes; Simão Mansur; Evaldo Saramago Pinheiro;

¹¹Sequência aleatória e sem escala de importância, como nos casos anteriores.

Tarcísio Miranda; Julião Nogueira; Nilo Alvarenga; Francisco Saturnino Rodrigues de Brito Filho; Vivaldi Leite Ribeiro; Severino Pereira da Silva e Joaquim Rolla.

Prende a atenção o volume das chamadas obras públicas conduzidas pela administração fluminense no período em tela: construção, reforma e pavimentação tanto de rodovias quanto de estradas vicinais e secundárias; elevação de pontes; dragagem de rios e drenagem de terrenos visando a agricultura; construção da Central Hidrelétrica de Macabu de modo a interligar a rede elétrica do interior fluminense; expansão do serviço de distribuição de água; remodelação do centros administrativos de várias comunas do estado; elevação do edifício das secretarias de governo na Avenida Amaral Peixoto, no centro da capital fluminense; expansão das unidades do Departamento de Estradas de Rodagem, como no caso da sede do órgão anexa à Rodoviária de Niterói, igualmente erguida neste período; construção do Hotel Parque de Araruama como ênfase à indústria do turismo; por fim, construção de centenas de prédios destinados para: escolas, hospitais, maternidade; sede de prefeituras, postos de saúde, fóruns, delegacias, casas de detenção, orfanatos, abrigos, leprosários, manicômios, coletorias de impostos e tantos outros edifícios oferecidos ao serviço público.

Como isso, vale enfatizar o papel da Secretaria de Viação de Obras Públicas, maior detentora de recursos na ocasião e o destaque dos engenheiros junto ao governo. Não só isso. Neste campo, a partir de *O Fluminense* é possível identificar a teia de empreiteiras detentoras de contrato de prestação de serviço para o ERJ e seus respectivos representantes, quer dizer, empresários do setor. Ainda quanto aos engenheiros, é possível ensaiar uma lista dos mais influentes, dentre os quais: Saturnino de Brito Filho; Rubens Caminha; Saturnino Braga; Regis Bittencourt, Salo Brand; Yeddo Fiúza; Edmundo Franca Amaral; Hildebrando de Goes; Octavio Reis Cantanhede; João de Moraes Martins Filho; Henrique Brito de Magalhães; Manoel Pacheco de Carvalho; Hélio de Macedo Soares; Domingos Abbês; Abelardo do Carmo Reis; Leo Ferraz Alves e Inácio Bezerra de Menezes.

A nominata de empresários e engenheiros arrolada acima distancia de mero recurso descritivo. Pelo contrário, o oferecimento destes agentes visa possibilitar um procedimento prosopográfico, cuja metodologia aponta para que o pesquisador fique atento a um conjunto de variáveis. São questões: econômicas, políticas, sociais,

institucionais, trajetórias, ou seja, uma série de elementos entrelaçados que aproximam ou distanciam os agentes entre si e seus interesses. Assim, a prosopografia busca desvendar a atuação dos indivíduos no interior de uma dada coletividade ao lançar luz nas dinâmicas internas e externas dos mesmos e os grupos sociais nos quais os agentes estão inseridos e constroem o espaço de poder — portanto, o método auxilia na compreensão das redes de interesses e articulações. É uma lente para enxergar as trajetórias sociais, coletivas, a construção de laços e ainda a inserção do indivíduo numa dada conjuntura histórica e localizada no espaço. Logo, torna-se importante método que colabora no mapeamento de um conjunto de agentes quanto as suas origens familiares, geográficas/regionais; educação; evolução pessoal, profissional e política; status sócio-político e econômico; associações profissionais ou de classes; as sociabilidades construídas, bem como suas presenças e atuações junto às agências público-privadas (CHARLE, 2018).

Como encaminhamento final, na sequência, a título de ilustração, acompanhemos um extrato de manchetes relacionadas ao mundo da produção fluminense no período, que, ao fim e ao cabo, procuravam enfatizar o desenvolvimento econômico fluminense. Em face da inviabilidade em arrolar todos os casos inventariados, indexamos dentre os mais centrais:

QUADRO 1 - Extrato das manchetes de <i>O Fluminense</i> relacionadas ao mundo da produção	
MANCHETE	DIA/MÊS/ANO/EDIÇÃO
<i>Visando estimular a indústria e o comércio fluminenses</i>	24 maio 1941, 17851
<i>Amparando a economia fluminense</i>	22 jul. 1943, 18502
<i>A Paisagem econômica do E. do Rio</i>	29 abr. 1944, 18736
<i>Desde o seu início, em 1937, que o atual governo do Estado, vem adotando uma serie de inteligentes medidas em prol do desenvolvimento da riqueza agrícola e industrial da nossa terra</i>	13 ago. 1944. 18825
<i>Uma nova grande usina hidroelétrica para maior desenvolvimento do parque industrial fluminense</i>	21 out.1944, 18884
<i>Reerguimento do Estado</i>	11 nov. 1944, 18900
<i>Industrialização intensiva de todo o sul fluminense: transferem-se para Barra Mansa inúmeras indústrias brasileiras</i>	18 nov. 1944, 18906
<i>Crescem as possibilidades econômicas do norte fluminense</i>	5 jan. 1945, 18945
<i>O cooperativismo no Estado</i>	4 fev. 1945, 18986
<i>O plano de eletrificação do Estado do Rio</i>	23 fev. 1945, 18009
<i>O novo plano de obras do E. do Rio</i>	22 jun. 1951, 20970
<i>A luta pelo reerguimento econômico e social do Estado do Rio</i>	15 maio 1952, 21239
<i>Impressionante demonstração das possibilidades do Vale do Paraíba</i>	22 jul. 1952, 21295
<i>Para aumentar o potencial econômico do Estado do Rio</i>	2 ago. 1952, 21305
<i>Desenvolvimento do Parque Industrial Fluminense</i>	8 ago. 1952, 21310
<i>Maiores possibilidades para a instalação de novas indústrias no Estado do Rio — Importante decreto assinado pelo governador Amaral Peixoto criando a Comissão Estadual de Desenvolvimento Industrial</i>	20 set. 1952, 21346
<i>A Batalha da industrialização Fluminense na Palavra do Governador Amaral Peixoto</i>	30 set. 1952, 21354
<i>A criação da Escola Fluminense de Engenharia</i>	1 out. 1952, 21355
<i>Um grande passo para a industrialização do Vale do Paraíba</i>	6 nov. 1952, 21385
<i>A Exponencialidade econômica fluminense no campo da riqueza industrial</i>	10 jan. 1953, 21477
<i>O programa de saneamento do interior fluminense</i>	28 fev. 1953, 21607
<i>A propósito do Plano Rodoviário do Estado do Rio</i>	10 abr. 1953, 21640
<i>O território fluminense uma das unidades líderes da vida econômica do Brasil</i>	27 jun. 1953, 21702
<i>No Ingá os representantes das classes produtoras</i>	5 ago. 1953, 21738
<i>VII Congresso das classes produtoras no E.do Rio de Janeiro</i>	22 set. 1953, 21778
<i>O governador intercederá, pessoalmente, junto à CEXIM</i>	25 set. 1953, 21781
<i>Eleita a primeira diretoria da Associação Fluminense de Engenharia</i>	29 dez. 1953, 21858
<i>Industrializa-se o Estado do Rio</i>	5 jan. 1953, 21863
<i>Fundada a Empresa Fluminense de Energia Elétrica</i>	28 ago. 1954, 22059
<i>Empossada a nova diretoria da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro</i>	2 dez. 1954, 22137
<i>Associação Fluminense de Engenheiros e Arquitetos — Empossada sua nova diretoria</i>	19 jan. 1954, 22176
<i>Mais uma importante indústria inaugurada em Niterói — Brilhante a festa inaugural da Maveroy Sociedade Industrial Frigorífica Ltda — Presentes o Governador do Estado e o sr. Miguel Couto — Enriquecido o parque industrial fluminense</i>	22 jan. 1955, 22179

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de *O Fluminense*.

A julgar pelo panorama, no curso, havia um projeto de desenvolvimento econômico e de industrialização intensiva do ERJ associado a interesses que transcorriam em nome do renascimento fluminense, como se referiam. Tudo, acompanhado pelo jornal em questão. Somado à esfera do econômico, cabe ponderar que a partir de *O Fluminense* torna-se igualmente possível estudar os meandros da política estadual, de modo geral, e de alguns municípios, em particular. Em Costa (2019), no caso do jornal aqui levantado, um retrato de como eram tecidas as disputas políticas no sentido de se alcançar o executivo estadual podem ser percebidas a partir deste autor.

4. BREVISSIMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período estudado *O Fluminense* se comportou como contumaz defensor da modernização econômica do estado e dos principais agentes envolvidos no processo. Veiculou valores acerca de um variado mundo, como: indústria, agricultura, pecuária, comércio, rodoviarismo, eletrificação, estrutura ferroportuária, transportes, expansão dos serviços de água, educação, urbanização, expansão imobiliária e desmembramento de propriedades rurais dando origens aos loteamentos, sobretudo nos municípios circunvizinhos à capital do estado. Também conferiu especial atenção às ações do governo fluminense e aos embates políticos estaduais daquele momento.

A ideia de progresso era entendida de forma coletiva, como que pertencente a todos —esta era a dosagem pretendida pelo jornal —um esforço para que os fluminenses imaginassem pertencentes a um estado em evolução. Era a tentativa de organizar o pensamento que revivificasse a terra fluminense como espaço de produção e de progresso, como na concepção de um *partido* que atua pelas suas causas. Nos limites deste esquadramento, da teia de questões oferecidas, de algum modo, espera-se que auxilie como ponto de partida ou guia para pesquisas acerca do mundo produtivo fluminense.

Espera-se então que este trabalho de levantamento e mapeamento deste periódico como fonte — ao lado de outros acervos documentais — possa suscitar interesses e investigações no campo aqui sugerido.

REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. de. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

ABREU, A. A. de. PAULA, C. J. de. (Coord.). **Dicionário da política republicana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC/FAPERJ, 2014.

BRAVO, G. P.; OLIVEIRA, T. S. **O partido midiático: imprensa e construção da hegemonia no pensamento de Antônio Gramsci**. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2014/viseminariointernacionalteoriapolitica dosocialismo/o_partido_guilherme.pdf. Acesso em: 3 nov. de 2022.

CHARLE, C. **Homo historicus: reflexões sobre a história, os historiadores e as ciências sociais**. Porto Alegre: FGV Editora/ UFRGS Editora, 2018.

CORRÊA, M. L.; CHAVES, M. P. A.; BRANDÃO, R. V. da M. **História Econômica e Imprensa**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

COSTA, R. N. **Eleições se vencem em campanhas? Uma análise da organização político-partidária do Rio de Janeiro através das disputas eleitorais, da propaganda política e da trajetória do PSD-RJ (1945-1958)**. 267p. Tese Doutorado em História. Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo (RJ), 2019.

COUTINHO, C. N. **Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FRAGOSO, J.; FLORENTINO, M. História econômica. (Org.) CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HERD, E.F. **Contribuição para um estudo da importância da imprensa de Niterói entre 1830 e 1930**. Instituto de Arte e Comunicação, UFF, 1973.

HONORATO, C. T. **O novo estado no Estado Novo: análise da interventoria Amaral Peixoto no Estado do Rio de Janeiro, 1987**. 290f. Dissertação (Mestrado em História) —Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1987.

IPANEMA, C. de. IPANEMA, M. de. **Catálogo de periódicos de Niterói**. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1988.

IPANEMA, C. de. IPANEMA, M. de. **Imprensa fluminense**. Ensaios e trajetos. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1984.

LESSA, J. L. H. **O Comandante em marcha**: Amaral Peixoto e a indústria fluminense. 2021. 378f. Tese Doutorado em História, Política e Bens Culturais. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.

LOBO, E. M. L. História empresarial. (Org.) CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 2011.

MARTINS, A. L.; L. T. R. de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, C. B. (Org.). **Fontes históricas**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto. 2006.

SILVA, M. P. da. FRANCO, G. Y. Imprensa e Política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista História em Reflexão**: Vol. 4 n. 8 – UFGD - Dourados jul/dez 2010.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WEHRS, C. A imprensa periódica em Niterói, de 1901 a 1950. *In.* WEHRS, C. **Capítulos da memória niteroiense**. Niterói Livros: Niterói. 2002. p. 197-223.

WEHRS, C. Jornais. *In.* WEHRS, C. **Niterói cidade sorriso**: a história de um lugar. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, 1984. p.294-304.

ZICMAN, R. B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**. Volume 4, 1985. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12410/8995>. Acesso em: 10 nov. de 2022.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.